

A *REPÚBLICA* DE PLATÃO E AS OPERAÇÕES *HENOLÓGICAS* DA IDÉIA DE BEM

Dennys Garcia Xavier*

Resumo: Neste artigo, apresentamos e analisamos alguns dos principais elementos que compõem a discussão sobre a Idéia de Bem na *República* de Platão, a partir dos princípios hermenêuticos propostos pela *escola de Tübingen-Milão*. Como se sabe, de acordo com o Novo Paradigma interpretativo fundado por esta *escola*, Platão reservou a parte qualitativamente mais importante da sua filosofia para lições doutrinárias desenvolvidas no âmbito da oralidade dialética. Aqui, sugerimos que apenas com a aproximação daquelas lições o estudo acerca da natureza e das operações do Bem de Platão podem ser adequadamente compreendidas.

Palavras-chave: Idéia de bem, uno, *república*, escrito, *àgrapha dògmata*.

Abstract: In this article, we present and analyze some of the primes elements that compose the Plato's theory of Good, making use of the hermeneutical means introduced by the *School of Tübingen - Milano*. According to the New Paradigm - a new interpretative way of analyzing Plato's work established by this *School* - Plato reserved some of the most important parts of his thoughts to doctrinal lectures, developed in the sphere of dialectic orality. Here we suggest that only getting close to those lessons the study concerning the nature of Good, and its operations, in the *Republic* can be adequately understood.

Key-words: Idea of good, one, *republic*, written, *àgrapha dògmata*.

* Doutorando na *Università degli Studi di Macerata*. Bolsista da CAPES. Artigo submetido para avaliação no dia 04/05/2006 com parecer favorável para ser publicado no dia 21/09/2006.

O Uno-Bem na República de Platão e os “juros” do capital principal

Tanto no livro VI quanto no livro VII da *República* Platão apresenta de modo inequívoco uma série muito importante de funções e características da Idéia de Bem, elementos que, analisados exclusivamente a partir do instrumental exegético schleiermacheriano, continuam causando enorme embaraço aos pesquisadores¹. Parte deste embaraço, talvez possa ser explicado pelo fato – não devidamente considerado pelo critério tradicional de interpretação – de que um escrito de Platão sobre a Idéia de Bem não implica igualmente na existência de um texto seu que defina a *essência* própria do Bem². Para Hans Krämer³, pelos motivos aduzidos do *Fedro* (274b – 278e), da *Carta VII* (340b – 345c) e de parte da *tradição indireta*⁴, Platão preferiu, também na *República*, manter não-escrita a parte mais importante do seu saber sobre a mais elevada de todas as Idéias, referindo-se a ela apenas de modo parcial e segundo uma estratégia notadamente marcada por limitações metodológicas reconhecidas e anunciadas pelo próprio filósofo no corpo do diálogo. Por isso, antes de nossa breve análise do conteúdo parcialmente anunciado por Platão sobre o Bem na *República*, vejamos duas passagens nas quais o filósofo anuncia de modo muito claro a incompletude de seu discurso escrito sobre aquela Idéia:

– Por Zeus, ó Sócrates – interveio Glauco –, não te detenhas como se tivesses chegado ao fim! Basta que nos faças uma exposição sobre o Bem (*peri tou agathou*), tal como a fizeste sobre a justiça, a temperança e as outras virtudes.

– Também a mim, meu amigo, me bastará, e por completo. Todavia, temo não ser capaz disso e que meu zelo despropositado me torne ridículo. Mas,

¹ G. REALE, *Para uma nova interpretação de Platão*. Tradução de Marcelo Perine. São Paulo: Ed. Loyola, 1997, 256.

² M. MIGLIORI, Sul Bene: Materiali per una lettura unitaria dei dialoghi e delle testimonianze indirette, *New Images of Plato: Dialogues on the Idea of the Good*, Edited by Giovanni Reale and Samuel Scolnicov, 121-124.

³ H. KRÄMER, *Platone e i fondamenti della metafisica*. Introduzione e traduzione di Giovanni Reale. Milano: Vita e Pensiero, 2001, 186-187.

⁴ Pode-se encontrar no c

Não há fontes bibliográficas no documento atual. *orpus da tradição indireta*, basicamente dois tipos de informações: aquelas que tratam especificamente do conteúdo das *agrapha dógmata* de Platão e outras que apenas noticiam a existência de tais doutrinas. K. GAISER, *Platons ungeschriebene Lehre*. Stuttgart, 1963; *Anhang: Testimonia Platonica. Quellentexte zur Schule und mündlichen Lehre Platons*, 441-557 (tradução para o italiano: *Testimonia Platonica. Le antiche testimonianze sulle dottrine non scritte di Platone*. Introduzione e impostazione grafico-tipografica di G. Reale. Traduzione, indice e revisione dei testi di V. Cicero, 1998). Fizemos um breve estudo sobre algumas informações da tradição indireta em D.G. XAVIER, *Para uma metafísica platonica à luz da tradição indireta*. “Hypnos”, 15 (2005), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), 117-128.

meus caros, vamos deixar por agora a questão de saber o que é o Bem em si (*tí esti tagathôn*); parece-me grandioso demais para, com o impulso que presentemente levamos, poder atingir, por agora, o meu pensamento acerca dele. O que eu quero é expor-vos o que me parece ser o filho do Bem, e a ele muito semelhante (*ékgonos te toû agathôu pháinetai kai homoiótatos ekeínoí*), se tal vos apraz; caso contrário, deixemo-lo de lado.

– Fala – disse ele –, outra vez pagarás a explicação do que seja o pai (*eis aúthis gâr toû patrôs apoteíseis tèn diégesin*).

– Quisera eu pudesse pagar e vós recebê-la, e não como agora, dar-vos só os juro (*toûs tókous mónon*). Mas, por enquanto, tomaí esses juro e este filho do Bem em si (*toûton dê dé oûn tòn tókon te kai ékgonon autoû toû agathôu komíasthe*). Mas ficai atentos para que não vos enganem sem querer, prestando-vos uma conta errada dos juro.

– Teremos cuidado até onde pudermos – disse ele –, quanto a ti cabe então falar.⁵

A passagem é mesmo desconcertante. Nela, diferentemente das *passagens de retenção* tão comuns à estrutura dialógica dos textos do filósofo – marcada pelo abandono, tácito ou explícito, das questões debatidas –, Platão não renuncia à tarefa que agora lhe é imposta pela estrutura geral da argumentação: tratar do Bem-em-si. Entretanto, segundo o parecer do próprio ateniense, a natureza grandiosa do objeto a ser analisado é incompatível com a imposição do diálogo desenvolvido ali – vale dizer, naquele momento – e, por isso mesmo, no limite, ele será tratado a partir de um símile a que Platão denomina “o filho do Bem-em-si”. Prova da coerência da declaração programática que acabamos de ler – e de que Platão mantém-se fiel ao seu propósito de não oferecer mais do que uma referência analógica do que seja o Bem-em-si – é a passagem que se nos apresenta logo depois do personagem Sócrates, comparando-a com o Sol do mundo sensível, ter “melhor delineado” a imagem da Idéia de Bem:

– E Glauco muito comicamente exclamou: Valha-nos Apolo! Que divina transcendência!

– O culpado és tu, que me obrigas a exprimir minha opinião sobre o assunto.

– Não pares, de maneira nenhuma! Ainda que não queiras ir mais longe, ao menos trata de novo da analogia com o Sol, a ver se escapou alguma coisa.

– Realmente, são muitas as coisas que deixo escapar (*allâ mén, sykná ge apoleípo*).

– Então não deixes ficar nenhuma, por pequena que seja.

– Julgo que deixarei, e muitas (*oímai mén, kai pol'y*). Mesmo assim, até

⁵ *República*, VI, 506d-507a. Para a presente versão em português dos trechos da *República* de Platão, consultamos a tradução de Maria Helena da Rocha Pereira (Platão. *A República*. Fundação Calouste Gulbenkian, 1972), a tradução para o inglês editada por John M. Cooper (*Plato: Complete Works*. Indianapolis/Cambridge: Hackett Publishing Company, 1997) e o texto grego estabelecido por J. Burnet (*Platonis Opera*. Oxford, 1892-1906).

onde for possível nas circunstâncias presentes, não omitirei nada voluntariamente.

– Realmente não, disse.⁶

Pelo que se vê, ainda que isso não garanta que ele não o tenha feito alhures, na *República*, Platão se impõe uma rígida limitação metodológica que o faz silenciar e deixar para uma “outra vez”⁷ (*eis authis*) um discurso acerca da essência do Pai-Sol, isto é, da Idéia de Bem. Por isso, mesmo que obrigado pelos interlocutores a não abandonar por completo o objeto da discussão, o filósofo promete no máximo uma visão geral do que ele seja – deixando não poucas, mas muitas coisas sem o devido exame –, poder-se-ia dizer, de acordo tão-somente com as exigências impostas pelo curso do diálogo. É sabido, entretanto, que Platão não paga o *capital principal* daquele “juro” da *República* em nenhum outro dos textos atribuídos a ele, e isto pode significar uma de duas coisas: i) ou que Platão renunciou a um estudo completo sobre o Bem nos seus textos exatamente porque julgava não conhecê-lo o suficiente e que, portanto, na *República*, deu a conhecer tudo o que lhe era possível naquele momento, segundo os seus limitados conhecimentos sobre a natureza da mais elevada das Idéias (tese que, de uma forma ou de outra, diminuiria a importância filosófica da *tradição indireta*); ii) ou, em pleno acordo com os *autotestemunhos* do *Fedro* e na *Carta VII*, Platão remete o seu leitor a um conteúdo objetivamente *exterior*, não registrado nos textos, mas tratados na dimensão da oralidade dialética.

Contra a possibilidade do nosso filósofo simplesmente não ter pago a dívida principal da *República*, isto é, de não ter aprofundado de forma devida – nem mesmo na oralidade – o discurso sobre a essência do Bem, depõe o tom enfático da sua exortação, diante da necessidade de se chegar a um quadro acabado do conhecimento do Bem:

– Mas, meu amigo – repliquei –, em casos destes [para que perfeições possam ser contempladas], uma medida que deixa a desejar, por pouco que seja, da realidade, não é de modo algum uma boa medida, pois não pode haver uma medida imperfeita seja do que for (*métron tôn toioúton apoleípon*)

⁶ Giovanni Reale sugere que esta exclamação de Glauco alude, ainda que simbolicamente, ao modo segundo o qual os pitagóricos se referiam ao Uno (e, conseqüentemente, seria um modo indireto de Platão se referir ao seu próprio Uno-Bem). Para ele, “do ponto de vista etimológico, note-se, A-polo pode ser, com efeito, entendido como ‘privação do múltiplo’, justamente jogando com o a privativo e com o pollon=muito”. Como reforço à sua tese, Reale evoca o seguinte testemunho de Plotino: “Provavelmente esse nome ‘Uno’ significa supressão relativamente ao múltiplo. Por essa razão também os pitagóricos entre si o chamavam simbolicamente Apolo, pela negação dos muitos” (Plotino, *Enéadas*, V, 5, 6). Reale não afirma, entretanto, que a relação entre a exclamação de acento pitagórico e a referência ao Uno platônico seja inequívoca (embora julgue irrefutável que na *República* Platão entenda o Bem como Uno). G. REALE, *Op. Cit.* 258. *República*, VI, 509c-d.

⁷ *República*, VI, 506e.

kai hotioûn toû óntos ou pânu metriôs gígnetai; atelès gàr oudèn oudenòs métron). Mas às vezes certas pessoas entendem que já basta e que não é necessário para nada prosseguir as investigações.

– Até há muitos que aceitam que seja assim por indolência (*dià raithymían*).

– Tal aceitação – prossegui – é a atitude que menos deve ter um guardião do Estado e das leis.

– Naturalmente – concordou ele.

– Logo, meu amigo, ele tem de ir pelo caminho mais longo (*makrotéran periitéon*), e que não se esforce menos nos estudos do que nos exercícios físicos; ou então, como ainda agora dissemos, jamais atingirá o fim da ciência, que é a mais elevada e a que mais lhe convém.

– Então não é esta a mais elevada? Há ainda algo de superior à justiça e às outras qualidades que analisamos?

– Não só superior – repliquei – mas também não devemos apenas contemplar, como até agora, o respectivo esboço, mas sim não deixar de observar a obra acabada. Ou não seria ridículo pôr todo o empenho noutras coisas de pouca valia, esforçando-nos para que sejam o mais exatas e perfeitas possível, e não entender que as coisas mais importantes merecem a maior exatidão?

– Exatamente – respondeu. Mas quanto a esse estudo mais elevado e ao objeto que lhe atribuis, julgas que alguém te largará sem te perguntar qual seja?

– De modo algum. (...) já me ouviste afirmar com freqüência que a Idéia do Bem é a mais elevada das ciências, e que para ela é que a justiça e as outras virtudes se tornam úteis e valiosas (*epei hóti ge he toû agathoû idéa mégiston máthema, pollákis akékoas, héi dè kai dikaia kai tálla proskresámena krésima kai ophélima gígnetai*).⁸

Ora, a julgar pelos princípios exegéticos de *Tübingen-Milão*, poder-se-ia dizer que o trecho acima nada mais é do que uma *carta de intenções* de Platão – anunciada no pórtico da discussão sobre o Bem –, inteiramente de acordo com o caráter meramente *hipomnemático* e *protréptico* que um texto escrito teria para ele (e que, portanto, deveria se efetivar – ou, neste caso, se completar – fora do escrito, por meio de um outro *medium*, e não nele mesmo). Seja isto verdade, a declaração programática dessa passagem deve nos remeter a um conteúdo não consignado – ou consignado apenas em breves alusões – no diálogo e que pode ser encontrado, ainda que de maneira precária, nos relatos da *tradição indireta*⁹. Não bastasse a força com a qual destaca a necessidade de observar a “obra acabada” – neste contexto, de definir, por completo o Bem – em outros trechos do diálogo¹⁰, Platão se inclui sim entre os que conhecem a fundo aquela Idéia e, por via de consequência, deixa entrever que a timidez do programa traçado para o seu exame na *República* decorre da natureza (ético-política) da discus-

⁸ *República*, VI, 504c-505a.

⁹ G. REALE, *Op. Cit.* pp. 241-242.

¹⁰ *República*, 504a-505b; 506d-e.

são, do menor favor com o qual ele julga a palavra escrita e do medo de, ao tratar ali da essência do Bem, “tornar-se ridículo (...) por temor de se tornar objeto de derrisão e de desprezo” (tal como adverte o trecho final do *Fedro*)¹¹. Se for verdade que, para atingir a mais elevada das ciências, o homem deve seguir pelo caminho mais longo e que não deve se esforçar menos nos estudos – que devem durar por volta de cinquenta anos¹² – do que nos exercícios físicos, devemos nos perguntar em que medida o fim de um tal caminho e de uma tal ciência poderiam ser alcançados apenas e tão-somente com a freqüentação, mesmo que incansável e sistemática, dos “juros” que Platão dá a conhecer num dos seus mais importantes diálogos – mascarado pela peculiar economia da sua argumentação – ou, se se prefere, na totalidade deles (tal como querem alguns estudiosos defensores da autonomia absoluta – não apenas dramática, mas também filosófica – dos diálogos)¹³. Caso seja correta a interpretação do Novo Paradigma, desta forma, nosso filósofo teria optado na *República* por um “calar proposital” de quem reserva para outra ocasião (ou, em termos mais modernos, outro *meio de comunicação*) o que considera possuir de mais importante (*timiótera*) e maior (*mégista*), aquelas coisas que ele “deixa escapar” por não estarem de acordo com a impositação geral do diálogo e por serem mais grandiosas que o impulso que movimenta a trama literária. Assim, para o pesquisador que hoje se ocupa de Platão, uma compreensão mais completa do estatuto filosófico da Idéia de Bem só poderia advir mesmo, um tanto que paradoxalmente, daquilo que sobrou *escrito* do conteúdo originariamente *não-escrito* do ateniense, o catálogo da *tradição indireta*.

A “imagem” do Uno-Bem na República de Platão

Leiamos agora aquelas passagens nas quais Platão nos deixa entrever algumas das funções exercidas pelo Bem-em-si.

Como vimos acima, ele se vale de um símile para tratar do estatuto filosófico do Bem-em-si na *República*, qual seja, o do *Sol-filho*, a imagem tangível da mais sublime das Idéias em plano sensível. Das operações atribuídas, em chave analógica, ao Sol sensível – e, por via de consequência, em plano hierárquico fundador, à Idéia de Bem –, Platão destaca inicialmente aquela que propicia a faculdade de ver, na medida em que a luz do

¹¹ G. REALE, *Op. Cit.* 245. Ver também KRÄMER, H. *Op. Cit.* 196.

¹² *República*, VI e VII.

¹³ *República*, VI, 504d. Ver também F. D. E. SCHLEIRMACHER, *Platons Werke*, Berlin 1804-1828. Tradução da *Introdução Geral* de Georg Otte.. *Introdução aos diálogos de Platão*. Belo Horizonte, UFMG, 2002.

Sol media a relação *visão/objeto visto* como uma espécie de laço de ligação por meio do qual o *ver* se efetiva. Nas palavras de Platão:

– Ainda que exista nos olhos a visão, e quem a possui tente servir-se dela, e ainda que a cor esteja presente nas coisas, se não se lhes adicionar uma terceira espécie [a luz do Sol], criada expressamente para o efeito [o ver], sabes que a vista nada verá, e as cores serão invisíveis (...). Por conseguinte, o sentido da vista e a faculdade de ser visto estão ligados por um laço de uma espécie bem mais preciosa do que todos os outros, a menos que a luz seja coisa para desprezar.

– A verdade é que está bem longe de ser desprezível (...).

– Podes, portanto, dizer que é o Sol, que eu considero filho do Bem (*toû agathou ékgonon*), que o Bem gerou à sua semelhança (*tagathòn egénesen análogon heautôî*), o qual Bem é, no mundo inteligível, em relação à inteligência e ao inteligível, o mesmo que o Sol no mundo visível em relação à vista e ao visível (*en tōi noetōi tōpoi prós te noûn kai tà nooúmena, toûto toûton en tōi horatōi prós te ópsin kai tà horímena*).¹⁴

Este é um ponto essencial do discurso de Platão. Nele o filósofo associa de maneira inequívoca a função exercida pelo filho do Bem no mundo sensível – como mediador entre a visão e o que é visível – e a função análoga do Bem-Pai relativamente ao suprafísico – como mediador entre a inteligência e o inteligível. Destacado o efeito desta comparação, poder-se-ia dizer que a luz que dimana da Idéia de Bem condiciona e possibilita o próprio conhecimento das essências, sem se confundir com elas no entanto, pois a luz do Bem não é nem intelecto nem ser inteligível (enquanto objeto de conhecimento), assim como a luz do filho Sol não é nem visão nem objeto visto, mas algo que os une e que causa o próprio ver.

Mas o pagamento do “juro” platônico não termina naquela analogia; ao contrário, ela torna-se ainda mais explícita e adentra um terreno desconhecido para o leitor dos outros diálogos. Eis o que diz Platão:

– Fica sabendo que o que transmite a verdade aos objetos cognoscíveis (*tèn alétheian parékon toîs gignoskomenoîs*) e dá ao sujeito que conhece poder (*tèn d'ynamîn*), é a Idéia de Bem (*tèn toû agathou idéan*). Entenda que é ela a causa do saber e da verdade (*aitían d'epistémēs oûsan kai aletheías*), na medida em que esta é conhecida, mas, sendo ambos assim belos, o saber e a verdade, terás razão em pensar que há algo de mais belo ainda do que eles (*kállion toúton*). E, tal como se pode pensar corretamente que neste mundo [sensível] a luz e a vista são semelhantes ao Sol (*phós te kai ópsin helioeidé*), mas já não é certo tomá-las pelo Sol (*hélion d'hegeísthai ouk orthôs ékheî*), da mesma forma, no outro, é correto analisar o conhecimento e a verdade, ambos, semelhantes ao Bem, mas não é certo tomá-las, a uma ou a outra, pelo Bem, mas sim formar um conceito ainda mais elevado do que seja o Bem (*all'éti meidzónos timetéon tèn toû agathou héksin*).

¹⁴ República, VI, 507e-508c.

– Referes-te a uma beleza prodigiosa, se é ela que transmite o saber e a verdade, mas que os excede ainda em beleza (*ei epistémēn mēn kai alētheian parékei, autò d’hupèr taùta kállei estín*). Pois sem dúvida não é ao prazer que estás a aludir.

– Para longe com este agouro!¹⁵

Assim como os olhos vêem nítida e claramente os objetos físicos quando iluminados pelo Sol – e vêem mal e parecem cegos quando não iluminados por ele¹⁶ –, a alma conhece os objetos cognoscíveis pelo poder e pela luz conferidos pela Idéia de Bem. O Bem, diz Platão, é causa do saber e da verdade e, na medida em que os causa, é superior a eles (assim como a verdade e a ciência são belas, mas são causadas por algo mais belo do que ambas, a Idéia de Bem). É *myster* salientar que o nosso filósofo sublinha a impossibilidade de se tomar uma coisa pela outra, isto é, o Bem-Pai pela verdade ou pelo saber e vice-versa: embora semelhantes, são coisas distintas e daí a necessidade de se formar “um conceito ainda mais elevado do que seja o Bem”.

Talvez bastasse esse trecho para que o estudioso atento aos *testemunhos indiretos* da filosofia platônica se sentisse tentado a identificar – tal como sugerido por Aristóteles – o Uno e a Idéia de Bem¹⁷. Mas as semelhanças entre um e outro vão além, na medida em Platão se propõe a elucidar ainda mais o que seja o Bem-em-si. Eis o que ouvimos do filósofo:

– Reconhecerás que o Sol proporciona às coisas visíveis não só, segundo julgo, a faculdade de serem vistas (*tèn toû horásthai d’ynamin*), mas também a sua gênese, crescimento e alimentação, sem que seja ele mesmo a gênese (*tèn génesin kai aúksen kai trophén, ou génesin autòn ónta*).

– Como assim?

– Logo, para os objetos do conhecimento (*tois gignoskoménois*), dirás que não só a possibilidade de serem conhecidos lhes é proporcionada pelo Bem (*mè mónon tò gignóskesthai phánai hypò toû agathou pareímai*), como também é por ele que o Ser e a essência lhe são adicionados (*tò einaí te kai tèn ousían hyp’ekéinou autois proseímai*), apesar de o Bem não ser uma essência (*ouk ousías óntos toû agathou*), mas estar acima e para além da essência, pela sua dignidade e poder (*all’éti epékeina tēs ousías presbeíai kai dynámei hyperékhontos*).¹⁸

É difícil acusar os tubingueses de não terem tido bons motivos bons para terem sido seduzidos por tais palavras. Nelas, Platão atribui o ser e a essência de cada objeto cognoscível à Idéia de Bem e ainda a eleva a uma

¹⁵ *República*, VI, 508e-509b.

¹⁶ *República*, VI, 508c-e.

¹⁷ *Metafísica*, A 6, 987 a 30 a 988 a 15. Sobre este ponto ver ainda Simplicio. In *Arist. Phys.* 453, 22-30 Diels = Frag. 3 de H. KRÄMER, *Op. Cit.* 373.

¹⁸ *República*, VI, 509b-c.

peculiar condição de algo que está “acima e para além da essência” (reforçando o aspecto *proto-causal* do Bem, tal como vimos no trecho anterior). Bastaria um retorno estratégico ao capítulo seis do livro A da *Metafísica* do Estagirita¹⁹ – que norteia o estudo dos *testimonia* – para se notar o quão semelhantes (iguais?) são, de fato, o Uno platônico da *tradição indireta* e Idéia de Bem da *República*. Entre outras coisas, Aristóteles atribui a Platão a tese de que o Uno está para além das coisas (*parà tà prágmata*) e que, assim como as Idéias são causas formais das outras coisas, o Uno é causa formal das Idéias – isto é, confere o ser de cada uma delas e, conseqüentemente, a possibilidade de serem conhecidas²⁰.

A bem da verdade, desconhecemos uma via plausível de solução para esta expressão *epékeina tês ousías* da *República* amparada tão-somente pela leitura dos diálogos. Em todo caso, como explicar, aceitando a hipótese de que os textos platônicos sejam *completamente* autônomos – tanto em termos dramáticos e literários (o que aceitamos) quanto em termos filosóficos (o que tendemos a não aceitar) –, uma Idéia de características assim tão peculiares?

Mas não são apenas esses aspectos funcionais da Idéia de Bem que chamam nossa atenção e que nos levam a associá-la ao Uno das *testimonia*. Vejamos duas outras passagens da *República*:

– Pois, segundo entendo, no limite do cognoscível é que se avista, a custo, a Idéia de Bem; e uma vez avistada, compreende-se que ela é para todos a causa de quanto há de justo e belo (*pâsi pánton haúte orthôn te kai kalón aitía*); que, no mundo visível, foi ela que criou a luz, da qual é senhora, e que, no mundo inteligível, é ela a senhora da verdade e da inteligência (*kuría alétheian kai noûn*), e que é preciso vê-la para ser sensato na vida particular e na pública.

– Concordo também, até onde sou capaz de seguir a tua imagem.²¹

E ainda:

– (...) Depois disso, debes mandá-los descer novamente à tal caverna e forçá-los a exercer os comandos militares e quantos pertençam aos jovens, a fim de que não fiquem atrás dos outros, nem mesmo em experiência. E até nesses lugares têm de ser postos à prova, a ver se, solicitados em todos os sentidos, se mantêm firmes ou se deixam abalar.

– E para isso, quanto tempo marcas?

– Quinze anos – disse eu. Quando tiverem cinqüenta anos, os que sobreviverem e se tiverem destacado, em tudo e de toda maneira, no trabalho e na

¹⁹ *Metafísica*, A 6, 987 a 30 a 988 a 15

²⁰ Para o Uno enquanto causa formal das Idéias, ver também Aristóteles, *Física*, I-4, 187a 12-19 e I-9, 191b-192a.

²¹ *República*, VII, 517c.

ciência, deverão ser já levados até o limite e forçados a inclinar a luz radiosa da alma para a contemplação do Ser que dá luz a todas as coisas. Depois de terem visto o Bem em si (*idóntas tò agathòn autó*), usá-lo-ão como paradigma (*paradeígmati*), para ordenar a cidade, os particulares e a si mesmos (*kai pólin kai idiótas kai eautoús kosmeîn*), cada um por sua vez, para o resto da vida, mas consagrando a maior parte dela à filosofia.²²

Estes são trechos que ilustram de forma emblemática o conceito de ordem (*kósmos, táksis*) que permeia a construção argumentativa de Platão por quase todo o diálogo e que encontra também no Uno-Bem a sua causa e o seu princípio fundador. Na *República*, diz Krämer:

(...) a norma suprema do Estado ideal é constantemente indicada assim: que ele deve ser *um* e não muitos²³. Mas também o homem particular deve ser em si unitário, e também exercer *uma* só profissão, para poder ser *um* e para poder, por conseqüência, tornar *um* o Estado. O próprio Bem age como fundamento e propiciador de ordem (a unidade na multiplicidade!), assim como de unidade.²⁴

A polivalência funcional do Uno-Bem

A leitura da *República* – em especial, dos livros VI e VII – em nova chave hermenêutica, então, resulta no que Krämer chama de “polivalência funcional” do Uno-Bem de Platão²⁵. A partir desta polivalência funcional, podemos vislumbrar um quadro complexo das operações *henológicas* indicadas tanto pelo discurso alusivo da *República* quanto por informações extraídas da peculiar doxografia platônica. Assim, devidamente consideradas, *tradição direta* e *tradição indireta* revelam três aspectos fundamentais do Uno-Bem: um *axiológico*, um *gnosiológico* e um *ontológico*: i) *axiológico* na medida em que o Uno-Bem é princípio, fundamento e causa de toda ordem, de toda harmonia, de justiça e de beleza – unidade na multiplicidade –, sem que seja, ele mesmo, nada disso, porque, ontologicamente, as antecede e funda; ii) *gnosiológico* porque o Uno-Bem é princípio de saber, de cognoscibilidade, pois ele “de-termina” as coisas e a sua essência e, por via de conseqüência, as torna cognoscíveis (sem que seja, ele mesmo, objeto de conhecimento *discursivo*, porque ele está para além daquilo que pode ser conhecido na medida em que é fundamento do que é cognoscível)²⁶; iii) *ontológico* porque, como vimos²⁷, o Uno-Bem é

²² *República*, VII, 540a-b.

²³ *República*: 422e, 423a, 445c, 462a ss., 551d, 557c.

²⁴ H. KRÄMER, *Op. Cit.* 188.

²⁵ H. KRÄMER, *Op. cit.* 165.

²⁶ G. REALE, *Op. Cit.* 260.

²⁷ *República*, VI, 509b-c.

causa de ser, de essência. Ele confere existência a cada uma das coisas, determinando-as ontologicamente.

Mas os tubingueses vão além sugerindo que: i) devido ao estatuto ontológico diferenciado que o caracteriza, o princípio unitário da realidade não é suscetível de qualquer tipo de juízo apofântico e, por via de consequência, não pode ser analisado segundo aquelas regras lógicas da *não-contradição* e do *terceiro excluído*. Como *fundador* e *causador* da realidade, ele antecede tudo aquilo que é passível de tal análise e está, segundo o próprio Platão, *para além* de todo ser; ademais, ii) o uso de termos que evocam noção de *temporalidade* e *geração* para analisar o papel exercido pelo Bem (“causar”, “decorrer”, “fundar”, por exemplo) torna-se meramente analógico e prototípico, pois, no caso em questão, apresentam a uma inteligência que trabalha de forma notadamente discursiva e analítica um processo que deve ocorrer de maneira *aprocessual* e *não-temporal*. Pela mesma razão, a estrutura hierárquico-ontológica resultante da composição entre informações extraídas dos diálogos e do catálogo da *tradição indireta* não deve implicar necessariamente numa representação espacial determinada (princípio *acima* das formas ideadas, etc.) – recurso que, no limite, tende meramente a aclarar o curso geral da exposição²⁸.

Eis, então, à guisa de remate, uma visão esquemática e resumida dos argumentos da *República* dos quais a escola de *Tübingen-Milão* extrai a assim chamada “polivalência funcional” do Uno-Bem:

- a) a ciência do Uno-Bem é a mais elevada de todas as ciências e é por meio dela que as outras virtudes se tornam úteis e valiosas (504c-505a);
- b) o Uno-Bem confere verdade aos objetos cognoscíveis [é causa de verdade] (508e);
- c) o Uno-Bem dá ao sujeito que conhece o poder de conhecer [é causa do saber] (508e);
- d) na medida em que os causa, o Uno-Bem é mais belo do que a verdade e o saber (508e-509a);
- e) o conceito do Uno-Bem deve ser mais elevado do que aqueles da verdade e do saber (509a);
- f) assim como o Sol no mundo sensível torna os objetos visíveis e lhes garante a gênese, a alimentação e o crescimento, o Uno-Bem garante a

²⁸ A dificuldade evocada por um discurso sobre o Uno parece explicar, ao menos em parte, o porquê de Platão ter tido tamanho cuidado com sua exposição e, por consequência, de tê-la deixado para os iniciados em preleções na Academia. K. GAISER, *La dottrina non scritta di Platone: Studi sulla fondazione sistematica e storica delle scienze nella scuola platonica*. Milano: Vita e Pensiero, 1994, 7-20.

cognoscibilidade dos objetos cognoscíveis e confere o ser e a essência de cada um deles (509b-c);

g) tomado em si mesmo, o Uno-Bem não é uma essência, pois, pela sua dignidade e potência, está acima e para além das essências (509b-c);

h) o Uno-Bem é causa de tudo aquilo que é justo, belo, senhor da verdade e da inteligência, causa de sensatez (517c);

i) o Uno-Bem é paradigma de ordenação, tanto da vida pública quanto da vida particular (540a-b).

De fato, a novidade introduzida pelos relatos exteriores dos *testimonia* talvez consista exatamente numa tentativa platônica de justificação radical última da multiplicidade geral em função daquele princípio, segundo um esquema meta-ontológico para além de tudo o que é²⁹. Caso contrário, como seria possível sustentar as Idéias como plano último de fundamentação metafísica se sua multiplicidade, em esfera ontológica superior, equivale à das coisas sensíveis que, supõe-se, devem unificar? Se, como é particularmente conhecido, a pluralidade das coisas sensíveis deve ser reduzida à unidade da Idéia correspondente, de igual maneira, a pluralidade das Idéias, neste caso, é deduzida de uma estrutura que a antecede e funda, num ulterior nível de fundação metafísica. Com uma *protologia*, Platão teria podido sustentar com igual eficácia, tanto a pluralidade das coisas sensíveis quanto a das Idéias correspondentes (as quais, sem o nível superior de explicação, não seriam suficientemente resolvidas).

Bibliografia

I. Textos-base de Aristóteles e Platão.

_ ANGIONI, L. *Física I-II*. Tradução e notas. Campinas: IFCH/UNICAMP, 2002.

_ BEKKER, I. *Aristotelis Opera*. Editio altera Olof Gigon. Berlin: Walter De Gruyter, 1961.

_ BURNET, J. *Platonis Opera*. Oxford, 1892-1906 (com várias edições).

_ JOWETT, B (ed.). *The Dialogues of Plato*. Ed. Encyclopaedia Britannica.

_ REALE, G. *Metafísica: Saggio introduttivo, testo greco con traduzione a fronte e commentario a cura di Giovanni Reale*. Milano: Vita e Pensiero, 1993.

²⁹ REALE, G. *Op. Cit.* 163.

I.I. Bibliografia secundária

_ AUBENQUE, P.; SOLINGNAC, A. *Une nouvelle dimension du Platonisme. La doctrine non écrite de Platon*. "Archives de philosophie", 28 (1965), pp. 251-265.

_ BERTI, E. *Il Platone di Krämer e la metafisica classica*. "Rivista di Filosofia neo-scolastica", 75/2 (1983), pp. 313-326.

_ CHERNISS, H. *The Riddle of the Early Academy*. Berkeley-Los Angeles, 1945.

_ GAISER, Konrad. *La dottrina non scritta di Platone: Studi sulla fondazione sistematica e storica delle scienze nella scuola platonica*. Milano: Vita e Pensiero, 1994.

_ _____. *Testimonia Platonica*, ed. italiana a cura di Giovanni Reale. Milano: Vita e Pensiero, 1998.

_ KRÄMER, Hans. *Dialettica e definizione del bene in Platone: Interpretazione e commentario storico-filosofico di "Repubblica" VII 534 B3-D2*. Milano: Vita e Pensiero, 1989.

_ _____. *Platone e i fondamenti della metafisica: Saggio sulla teoria dei Principi e sulle dottrine non scritte di Platone con una raccolta dei documenti fondamentali e bibliografia*. 5ª ed. Milano: Vita e Pensiero, 1994.

_ MIGLIORI, Maurizio. *Il recupero della trascendenza platonica ed il nuovo paradigma*. "Rivista di Filosofia Neoscolastica", 79 (1987), pp. 351-381.

_ _____. *L'uomo fra piacere, intelligenza e Bene: commentario storico-filosofico al Filebo di Platone*. Milano: Vita e Pensiero, 1998.

_ _____. *Sul Bene: Materiali per una lettura unitaria dei dialoghi e delle testimonianze indirette, New Images of Plato: Dialogues on the Idea of the Good*, Edited by Giovanni Reale and Samuel Scolnicov, Accademia Verlag/Sankt Augustin.

_ PARENTE, M.I. *Testimonia Platonica I. In: "Memorie dell'Accademia Nazionale dei Lincei"*. Classe di scienze morali, storiche e filologiche, serie IX, vol. X, fascicolo 4, 1997.

_ REALE, Giovanni. *Per una nuova interpretazione di Platone: Rilettura della metafisica dei grandi dialoghi alla luce delle "Dottrine non scritte"*. Milano, 1986.

_ _____. *Storia della filosofia antica*. Vol. II (Platone e Aristotele). Milano, 1987.

_ ROBIN, Léon. *La theorie platonicienne des idées et des nombres d'après Aristote*. Paris, Alcan, 1908.

_ SCHLEIRMACHER, F. D. E. *Platons Werke*, Berlim 1804-1828. Tradução para o português da Introdução Geral de Georg Otte. *Introdução aos diálogos de Platão*. Belo Horizonte, UFMG, 2002.

_ SZLEZÁK, Thomas A. *La Repubblica di Platone: I libri centrali*. A cura di Maurizio Migliori e Carla Danani. Brescia: Morcelliana, 2003.

_ _____. *Platone e la scrittura della filosofia: Analisi di struttura dei dialoghi della giovinezza e della maturità alla luce di un nuovo paradigma ermeneutico*. Vita e Pensiero, Milano, 1992.

_ XAVIER, Dennys G. *Para uma metafísica platônica à luz da tradição indireta*. "Hypnos", 15 (2005), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), pp. 117-128.

Endereço do Autor:

Rua Jaime Gomes, 628 - Apto. 32
38440-244 Araguari — MG